

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NA OBRA DE LÍDIA TCHUKÓVSKAIA

Maria Camargo Sipionato (USP)

Neste trabalho proponho uma reflexão acerca dos limites da Literatura e da História. Dois saberes que me encantam e que juntos se apresentam como um problema à minha pesquisa, pois se estudo uma obra literária, como assegurar sua importância como um documento histórico? Será possível que a ficção não tenha legitimidade como apresentação dos fatos históricos? Reforço o termo ficção, o texto literário; a saber, o objeto que estudo não é o diário, nem o testemunho, mas um romance que a meu ver não só expõe, mas denuncia os abusos e as atrocidades do stalinismo. Tentarei mostrar, brevemente, como a obra de Lídia Tchukóvskaia é uma importante narrativa de preservação da memória em um momento histórico no qual o esquecimento e a manipulação da memória era ordem para a construção dessa sociedade em formação. Imagino que a autora e seu romance *Sófia Petrovna*, não são conhecidos por todos, desse modo, farei um resumo sucinto da vida da autora e da obra, para somente depois apresentar as marcas de preservação da memória no romance.

Lídia Korneevna Tchukóvskaia nasceu em 1907, em São Petersburgo; filha do consagrado escritor de literatura infantil Kornee Ivanovich Tchukóvski (1882-1969). Seu pai era um notável intelectual, sendo responsável por influenciar a formação artística da filha, que cresceu inserida no universo cultural da época com a casa sempre movimentada pelos artistas da *intelligentsia*, assim Tchukóvskaia cursou Literatura no Instituto de arte em Leningrado (TCHUKÓVSKAIA, IVÁNOVA, VOSPOMNANIA, 2012), no seu segundo ano, em 1926, ela foi presa e acusada de fazer panfletos antissoviéticos, mas a acusação não prossegue, sendo solta em seguida. Seu primeiro emprego, em 1927, foi na Editora Estatal de Leningrado (Ленинградское Отделение Детиздата), na seção infantil, tendo como mentor Samuil Marshak, poeta, editor e escritor amigo de seu pai. Ele foi fundamental para sua carreira como editora, reforçando sua formação poética da infância na esfera profissional (HOLMGREN, 1993).

Em 1929, Tchukóvskaia se casou com Volpe Tsezar Samoilovtch, crítico literário, com quem teve uma filha em 1931, Elena. Separou-se em 1933 e se casou, pela segunda vez, com o reconhecido físico Mikhail Bronstein, preso em 1937 e executado no ano seguinte. Ela passou anos nas intermináveis filas em busca por informações ou mesmo um sinal de vida de seu marido, entretanto, apenas em 1957, ela foi informada da execução por um oficial amigo de sua família.

Publicou seu primeiro conto, *Leningrad-Odessa*, com o pseudônimo A. Uglov. A autora tem uma bibliografia extensa entre artigos, memórias, poesia, críticas e prosa. Seu famoso livro com as conversas entre ela e Anna Akhmatova, *Zapiski Akhmatovoi (Notas de Akhmatova)*, foi publicado em dois volumes: o primeiro lançado em 1976 e o segundo em 1980, ambos em Paris; apenas em 1996 houve a primeira publicação em Moscou. A sua prosa ficou conhecida pelas novelas *Sófia Petrovna* e *Spuskpod Vodu (Descida sob a água)*, ambas retratam o período stalinista e são escritas em seu tempo histórico presente, porém sem concomitante publicação, uma vez que esse material era considerado antissoviético. Tchukóvskaia resistiu à ditadura stalinista por meio da literatura e, apesar dos riscos de repressão não deixou de defender aquilo que acreditava chegando a ser expulsa da União dos Escritores, em 1974, por apoiar artistas considerados subversivos na URSS.

Lídia Tchukóvskaia tornou-se uma escritora e crítica literária de grande influência no período soviético, trabalhou no Novi Mir, na seção de poesia, e foi responsável pela revelação de diversos artistas como Nikolai Zabolótski e Boris Pasternak. Além de intervir constantemente em favor dos artistas reprimidos, colocando-se, muitas vezes, em risco. Com o fim da URSS, a autora continuou trabalhando com literatura, passou a ministrar palestras em diversos lugares do mundo falando sobre suas obras e a importância em manter a memória viva.

Lídia Korneevna Tchukóvskaia morreu no dia oito de fevereiro de 1996, em Perekelkina, Rússia.

O romance *Sófia Petrovna* foi escrito no inverno de 1939-1940, no momento em que a URSS sofria com o período aterrorizante do Grande Terror stalinista. Tchukóvskaia enfrentava as penosas filas em busca do seu marido preso e desaparecido, vivia o medo e o estigma de ter um membro da família considerado inimigo do povo, presenciava a dor e o desespero de outras tantas mulheres que lutavam inutilmente por seus entes queridos. A realidade não mostrada pela narrativa oficial fez com diversos artistas, por meio da Literatura, não só preservassem a memória, como também denunciassem as mazelas sofridas pelo governo, apesar da certeza da não publicação dessas obras, consideradas subversivas.

Durante muito tempo houve apenas uma cópia do manuscrito a qual Tchukóvskaia dera a um amigo para guardá-lo, pois sua casa era constantemente vigia e revistada, principalmente depois que seu marido havia sido preso. Ter escrito qualquer palavra suspeita era mais do que um bom motivo para a NKVD declarar prisão ao cidadão. O seu amigo, o qual ela nunca revelara o nome, correu um enorme risco para salvar sua obra. A autora imaginava que jamais conseguiria vê-la outra vez, pensou que ele tivesse se livrado do romance que seria considerado “antissoviético” pela polícia. Ele acabou morrendo durante a Segunda Guerra Mundial, mas conseguiu entregar o manuscrito a sua irmã que após o conflito devolveu à Lídia. Com a morte de Stalin e o relaxamento das duras penas impostas pela NKVD, a autora foi capaz de datilografar sua obra e entregar, em 1962, a editora *Sovietski Pisatel*. Tudo aconteceu dentro da lei; eles aprovaram o trabalho e, em 1963, o manuscrito estava pronto para ser publicado e Lídia já havia recebido sessenta por cento do pagamento quando foi chamada em reunião na editora para ser informada de que não publicariam mais a sua obra e requeriam o dinheiro de volta. Inconformada, ela chegou a acreditar que sua obra não deixaria de ser um manuscrito. Usaram o argumento de ser “ideologicamente imperfeita” e mostrava um lado feio da vida dos soviéticos que deveria ser esquecido, além disso, eles priorizaram as obras que tratavam do período da Segunda Guerra, conhecido na URSS como a Grande Guerra Patriótica, que aos olhos de Tchukóvskaia era importante, mas falar sobre o Grande Terror não era menos relevante, já que toda a população sofrera amargamente por quase trinta anos de repressão violenta. Mais uma

vez, não conseguindo ficar em silêncio, a autora enfrentou a *Sovietski Pisatel* e foi a julgamento. Apenas em 1965, o júri chegou a um veredito: a editora deveria pagar todo o *royalty* para a autora, já que o manuscrito havia sido aprovado antes da resolução de não publicá-lo. Entretanto, o tribunal não tinha a jurisdição de decidir pela divulgação do romance, que não foi publicada na URSS, mas conseguiu publicação no mesmo ano em Paris com outro título: *Opusteli Dom* (Casa Abandonada) e a mudança de Sófia para Olga. Apenas no final dos anos 1980, a autora tivera a obra publicada em seu país (MEDVEDEV, 1974).

Faço, agora, um breve resumo da obra, a fim de apresentar em linhas gerais o enredo, para, finalmente, analisar alguns trechos que apresentam traços em que a ficção serviu como instrumento de preservação da memória.

A novela *Sófia Petrovna* (TCHUKÓVSKAIA, 2009) é ambientada na década de 1930, período do governo soviético stalinista. A obra traz à tona a realidade vivida pelos soviéticos nessa época e descreve o cotidiano, as paisagens, as siglas, todo o universo nada idealizado por aqueles que sonhavam com igualdade. Uma sociedade marcada pela hierarquia imposta, sem direito a reclamações.

A personagem principal, Sófia Petrovna, é uma mulher comum que apoia o regime, e antes da Revolução de 1917 era esposa de um médico. A história tem início quando a heroína começa a trabalhar numa editora como datilógrafa, já viúva precisa sustentar seu único filho e toda sua condição muda com a ascensão dos bolcheviques ao poder. O seu apartamento transforma-se em uma casa comunal e ela o divide com mais duas famílias, uma situação típica do início do regime soviético.

O narrador onisciente nos conta o dia a dia de Petrovna nos anos obscuros do Grande Terror. Não temos aprofundamento psicológico das personagens, mas há um retrato realista do homem comum soviético. A vida de Sófia parece trivial, suas preocupações estão apenas na criação de seu filho, Nikolai, no seu desempenho no trabalho na editora e em manter um bom convívio com seus vizinhos. No decorrer de sua rotina, o leitor, presencia a realidade da sociedade construída pelos soviéticos, como

a organização no trabalho, a burocracia interna, a hierarquia dos cargos, a influência do Partido na rotina dos cidadãos, o modo como os jovens são educados e os novos sistemas de apoio educacionais responsáveis pela formação ideológica da nova geração; bem como as dificuldades financeiras e a escassez de produtos, além da superação de cada indivíduo ao conviver com completos estranhos em suas casas, tendo um espaço mínimo para a convivência familiar, perdendo todo o direito à privacidade.

Sófia leva uma vida simples e segue todos os preceitos impostos pelo governo soviético, seu filho é um jovem estudioso, engenheiro, seguidor do regime, ativo na *Komsomol*, acima de qualquer suspeita. Sua melhor amiga e colega de trabalho é Natasha, filha de *kulag*, o que a faz carregar os estigmas de sua origem, sendo tratada, portanto, como uma cidadã de segunda classe. A tranquilidade da heroína é quebrada quando seu filho é preso. Nikolai é vítima da ditadura stalinista que o acusa de traição, prendendo-o e o enviando a um campo de trabalho forçado. Sófia Petrovna inicia uma incessante busca por notícias de seu único filho. As enormes filas, a burocracia, os olhares atravessados, o preconceito, o medo, principalmente o medo passa a fazer parte da rotina da heroína. Ela vê as pessoas que conhece serem presas ou simplesmente desaparecerem, a estrutura social que estava estabelecida começa a se romper. Natasha, fiel à busca por Kólia, também sofre com o endurecimento do regime, é demitida e sem conseguir arrumar outro emprego acaba se vendo sem perspectivas, o que a leva ao suicídio. Sófia fica ainda mais sozinha, quando o melhor amigo de seu filho, que também a ajudava a buscar informações sobre ele, é perseguido e preso. Ela passa a ser mal tratada pelos moradores do apartamento, sai do emprego para ter mais chance de arrumar outro trabalho que não tenha destaque para não correr o risco de ser despedida como mãe de um cidadão considerado “inimigo do povo”. Tudo a sua volta é transformado, Sófia perde a voz, a força e sua honra; mistura-se na multidão e abandona a busca pelo filho para tentar salvar a si mesma.

É importante ressaltar o contexto de produção da obra, pois vemos fatos históricos sendo narrados pela perspectiva da personagem, mas que são colocados na narrativa pela autora no período em que isso era vivido por ela. A manipulação feita

pelo governo, não cega Tchukóvskaia, pelo contrário, é por meio da Literatura que ela encontra um modo de resistência e de preservação daquilo que presenciava. A autora se vale de personagens que são perfeitos cidadãos soviéticos, tão profundamente crentes no governo que não são capazes de questionarem a tragédia que passam a viver. Ao serem afetados pela prisão injusta de Kólia, não criticam em absoluto o sistema, Sófia julga e condena todos que estão presos, acreditando que apenas no caso de seu filho houve um terrível engano e que logo tudo seria resolvido.

Os primeiros capítulos do livro apresentam o ambiente e as personagens ao leitor, cada detalhe da vida de Sófia, como sua casa ou mesmo seu ambiente de trabalho carregam marcas temporais de uma época, as dificuldades e as ações do governo. É possível destacar dois acontecimentos históricos que apresentam a transformação na sociedade e o início do Grande Terror: o assassinio de Kírov e os grandes processos de Moscou.

O assassinio de Kírov é colocado na narrativa a partir de uma lembrança de Sófia Petrovna, que ao saber da prisão de um médico, antigo amigo de seu marido, fica chocada tentando imaginar o motivo da acusação. É também nesse ponto que a vida de Sófia irá mudar; a princípio as transformações ocorrem no trabalho, mas logo se estendem à sua vida pessoal com a prisão do filho.

Dois anos antes, depois do assassinato de Kírov (Oh! Que dias sombrios! Patrulhas percorriam as ruas... e a espera da chegada do camarada Stálin, a praça da estação ferroviária estava cercada por cordões de soldados... as ruas e as travessas interditas... não dava para passar nem a pé nem de condução), depois do assassinato de Kírov tinha havido também muitas prisões, então, pegaram inicialmente alguns opositores e, depois as pessoas do “antigo regime” e barões von isso e von aquilo. E agora eram os médicos. (TCHUKÓVSKAIA, 2014, P.75)

Serguei Kírov era chefe do Partido de Leningrado, apesar de ser muito próximo a Stálin, era considerado por alguns líderes regionais seu sucessor. Ele foi assassinado por um jovem com um tiro na nuca. Segundo Getty e Naumov (1999), alguns historiadores creem que Stálin estava envolvido no assassinato, uma vez que Kírov era um possível rival, entretanto, nunca houve provas que o ligassem ao crime. A morte de

Kírov não foi relevante apenas por ele ser um político popular, mas porque foi com essa prerrogativa que foi aprovado um decreto autorizando o fuzilamento de qualquer cidadão considerado terrorista.

O trecho apresenta como esse assassinato transformou a vida dos cidadãos, sem mencionar nenhum posicionamento ideológico da personagem, apenas a partir de uma descrição superficial, é colocado na narrativa o início dos abusos e do que se seguirá dos duros anos do Grande Terror. Stálin passa a ter instrumentos legais para iniciar a construção da *nova* narrativa do passado, com a perseguição e execução de antigos membros do partido e do antigo regime, o passado é fisicamente apagado, as marcas documentais e mesmo as pessoas que carregam essas lembranças são eliminadas para dar legitimidade à nova narrativa.

Paul Ricouer, em seu livro *História, Memória e Temporalidade*, coloca como uma das ameaças à memória manipulada a *problemática da identidade* (2007), pois o *outro* é uma ameaça ao *eu* por ser diferente e ter um modo de vida diferente. Além disso, há a *herança violenta fundadora*, como os atos de guerra nos quais o poder vigente foi fundado, marcando a memória coletiva como glória para uns e humilhação para outros, provocando marcas e feridas na formação da memória. Desse modo, é possível entender o esforço feroz de Stálin em eliminar os possíveis personagens que pudessem ameaçar a veracidade dos fatos agora recontados a partir de sua perspectiva.

No decorrer da narrativa, outros a volta de Sófia são perseguidos, a editora na qual trabalha fica em constante vigilância, demite um funcionário por ser parente de um suposto “inimigo do povo” e, nesse contexto, os processos de Moscou são mencionados. O julgamento de Kámeniev e Zinóviev é acompanhado pela heroína, nota-se a dedicação da mídia na cobertura do caso, a manipulação da opinião pública, valendo-se de outros crimes que passam a fazer parte da condenação dos réus.

Em janeiro, começou a aparecer nos jornais artigos sobre um novo processo iminente. O processo de Kámeniev e Zinóviev tinha afetado muito a imaginação de Sófia Petrovna, mas ela, por falta de hábito em ler jornais, não os acompanhara diariamente. Mas já dessa vez, Natasha envolveu-a com a leitura dos jornais e todos os dias elas liam

juntas os artigos sobre o novo processo. Só se falava de espíões fascistas, os terroristas, sobre as prisões... Imagine só, esses canalhas queriam matar nosso bem amado Stálin. Pelo visto tinham sido eles a assassinar Kírov. Eles organizavam atentados nas minas. Provocavam descarrilamento de trens. E tinham homens seus praticamente em cada instituição. (TCHUKÓVSKAIA, 2014, p.77)

Imersos nesse universo, o medo e a desconfiança passam a fazer parte do cotidiano dos soviéticos, mas acima de tudo, a fé no regime e, em especial, em Stálin, fez com que muitos duvidassem de si próprios. A realidade vivida não condizia com o que era veiculado, mas como questionar o governo? Como se contrapor ao endurecimento das leis, se havia “inimigos do povo” e sabotadores tentando destruir a sonhada pátria. Como se manter lúcido diante de todas as incoerências? O stalinismo estava sedimentado, a mentalidade do povo soviético era de plena certeza e confiança nas ações do Partido, contudo, as prisões eram justificadas e justas, encaravam, como o faz Sófia Petrovna, apenas o seu caso como uma possibilidade de erro, mas dado o veredicto da culpa, os próprios familiares se viam diante de um dilema.

–Kólia – num ato terrorista?! Que delírio!

– O procurador disse: ele mesmo confessou. No inquérito tem a sua assinatura.

As lágrimas roíam copiosamente pelas faces de Sófia Petrovna. Ela deteve-se junto a um muro segurando-se numa calha.

–Kólka Lipátov um terrorista! - falava Álik com a voz estrangulada. – Canalhas, mas que canalhas! Mas isso é para morrer de rir! Sabe de uma coisa Sófia Petrovna, eu comecei a pensar assim: tudo isso é uma enorme sabotagem. Os sabotadores infiltraram-se no NKVD e de lá comandam tudo. Eles é que são os inimigos do povo.

– Mas, Kólia confessou, Álik, ele confessou, entenda Álik, ele confessou... – dizia chorando Sófia Petrovna.

(TCHUKÓVSKAIA, 2014, p.116)

No romance, a heroína vê a sua vida dilacerada, ela sai do emprego, perde as pessoas em quem confia, Natasha se suicida; Álik também é preso, contudo, Sófia não culpa Stálin em nenhum momento, para ela, assim como para muitos cidadãos soviéticos, havia um engano, Stálin não sabia de nada, o Partido estava sendo sabotado por inimigos.

Deitada em sua cama, ela ficava pensando em sua próxima carta ao camarada Stálin. Desde que Kólia tinha sido levado, ela já escrevera três cartas ao camarada Stálin. Na primeira, ela pedia que o caso de

Kólia fosse revisto e sua prisão relaxada porque ele não era culpado de coisa alguma. Na segunda, ela pedia que informassem seu paradeiro para que pudesse ir até lá e revê-lo mais uma vez antes de morrer. Na terceira, ela implorava que dissesse apenas uma coisa: se ele estava vivo ou morto? Mas não houve resposta. A primeira carta ela tinha simplesmente colocado na caixa do correio, a segunda ela enviou registrada, e a terceira teve aviso de recebimento. O aviso de recebimento tinha voltado para ela dali alguns dias. No espaço "assinatura do destinatário" estava escrito algo ilegível com letra minúscula: "...erian". (TCHUKÓVSKAIA, 2014, p.131-132)

Para Paul Ricoeur (2007) há manipulação da memória por meio do discurso histórico e da ideologia, atribuindo à configuração da narrativa um papel fundamental para a criação de uma nova identidade, entretanto, o esquecimento é responsabilidade do indivíduo, pois cabe a cada um questionar e não aceitar os seus abusos quando a manipulação da memória se faz presente. É preciso coragem para manter e construir sua própria narrativa, a fim de discernir aquilo que realmente aconteceu e como aconteceu sem ser passivo ao apagamento da memória e aos abusos de governos autoritários que, desse modo, validam seu discurso e suas ações. Não apenas ela, mas muitos, na URSS, conseguiram preservar a memória de seu povo por meio de testemunhos, diários e obras literárias. Ter coragem em meio à intimidação oficial é, sem dúvida, um ato de heroísmo.

Sófia Petrovna aprendeu bastante coisa durante essas duas semanas – ela aprendeu que devia se inscrever numa fila a partir das onze horas ou meia noite, e apresentar-se à chamada a cada duas horas, mas que o melhor era não afastar-se absolutamente para não ser riscado da lista; era indispensável levar um xale bem quente, calçar botas de feltro, porque mesmo na época do degelo, entre três e seis horas da manhã, as pernas gelavam e um ligeiro tremor tomava conta de todo o corpo; ela aprendeu que os funcionários do NKVD confiscavam as listas e, levavam para a delegacia aqueles que as faziam; e devia ir à procuradoria no primeiro dia da semana e que lá atendiam as pessoas sem levar em conta a ordem alfabética, enquanto na rua Shpalernaia, sua letra era nos dias sete e vinte (na primeira vez ela tinha vindo no dia da sua letra por pura sorte); que as famílias dos condenados eram exiladas de Leningrado e, *putiovka* não era uma autorização para uma colônia de férias, mas para o degredo; que na rua Tchaikóvskii as informações eram dadas por um velho de cara vermelha e um bigode felpudo de gato, mas na procuradoria era uma moça de cabelo frisado e de nariz pontudo; mas na Tchaikóvskii era necessário apresentar

passaporte, e na Shpalernaia não; aprendeu que entre os inimigos desmascarados havia muitos letões e poloneses, e era por isso que havia na fila tantas letãs e polonesas. Ela aprendeu a adivinhar ao primeiro olhar, quem na rua Tchaikóvskii não era um simples pedestre, e sim um dos que ficavam na fila, mesmo no bonde, pelo olhar, ela sabia qual das mulheres estava a caminho dos portões de ferro da prisão. Ela aprendeu a orientar-se em todas as recepções e nas entradas de serviço do cais e, não tinha a menor dificuldade em encontrar a mulher da lista, onde quer que esta se escondesse. Ela já sabia, que ao sair de casa depois de um cochilo, na rua, na fila, no corredor, na sala – na Tchaikóvskii, no cais, na procuradoria, por toda a parte – haveria mulheres, mulheres, mulheres, velhas e moças, com xales e chapéus, com bebês de colo, com crianças de três anos ou sem crianças, crianças chorando de cansaço e, mulheres silenciosas, aterrorizadas, taciturnas, e do mesmo modo que outrora, em sua infância, após um passeio na floresta, ela via desfilar diante dos seus olhos bagas, bagas, e mais bagas, e agora quando fechava os olhos, ela via rostos, rostos, rostos... (THUKÓVSKAIA, 2014, p.96)

Em uma sociedade com tantos abusos na construção da narrativa histórica, abusos esses capazes de alterar o passado, como não considerar legítimo uma narrativa como a de Tchukóvskaia como um instrumento de estudo de determinado período histórico? Lídia Tchukóvskaia corajosamente conseguiu preservar os detalhes do período mais cruel da URSS, foi capaz de registrar o cotidiano, que também era seu, pela perspectiva de uma personagem tipicamente soviética. Nota-se, a todo o momento, uma realidade que era constantemente manipulada e apagada, um governo autoritário que soube sedimentar uma ideologia, mas, além disso, conseguiu pelo medo, manter uma nação sob controle.

Eu pretendi, claramente, escrever um livro sobre como a sociedade estava enlouquecida; a pobre e louca Sófia Petrovna não é uma heroína pessoal; para mim ela é a personificação daqueles que acreditaram seriamente que o que aconteceu era racional e justo. (TCHUKÓVSKAIA, 1994, p.112)

Referências

FIGES, Orlando. A tragédia de um povo: a revolução Russa 1891-1924. Rio de Janeiro:Record, 1999.

- _____. **Sussurros. A vida privada na Rússia de Stálin.** Tradução: Marcelo Schild e Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GETTY, John A.; NAUMOV, Oleg V. **The road to terror, Stálin and the Self-Destruction of the Bolsheviks, 1932-1939.** Translation by Benjamin Sher. New Haven and London: Yale University Press, 1999.
- LEWIN, Moshe. **O século soviético.** São Paulo: Record, 2007.
- MEDVEDEV, Zhores A. **The Attack on Lydia Chukovskaya.** Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/1974/mar/07/the-attack-on-lydia-chukovskaya/?pagination=false>>. Acesso em: 28 jan. 2011.
- MIKHAIL, Sholokhovy. LidiaKorneevnaTchukovskaia. Disponível em: <www.chukfamily.ru> Acesso em: 18 jan. 2011.
- MONTEFIORE, Simon Sebag. **Stálin: a corte do czar vermelho.** Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RICOEUR, Paul.. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- CAMARGO-SIPIONATO, M. **Sófia Petrovna e a memória proibida do cotidiano soviético.** 2014. 140f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- TCHUKÓVSKAIA, Lidia Korniéivna. **Sófia Petrovna.** Evanston: Northwestern University Press, 1994.
- TCHUKÓVSKAIA, E. TS; IVANOVA, E.V. Vospomnania. **O Korniéi Tchukóvskom.** Moskva: Nikeia, 2012.
- TERRAS, Victor. **Handbook of Russian Literature.** New Haven and London: Yale University Press,.
- VRONSKAYA, Jeanne. **Obituary: Lydia Chukovskaya.** Disponível em: <www.independent.co.uk/news/people/obituary-lydia-tchukovskaya-1341659.html> Acesso em 26 fev. 2011.